



RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO: UMA PALAVRA PARA ALÉM DA MORTE

Paulo Roberto GOMES^P

RESUMO

O presente artigo apresenta duas concepções diferentes como resposta à morte do ser humano. A proposta cristã, com base na Tradição do Antigo Testamento e na experiência dos discípulos com a ressurreição de Cristo, e a proposta reencarnacionista, herdeira de tradições orientais do hinduísmo, budismo, correntes filosóficas gregas trabalhadas e aperfeiçoadas por Allan Kardec e seus seguidores. Como decisão de fé cada uma oferece não só uma resposta diferenciada, mas também consequências práticas para a vida do crente.

Palavras chaves: Ressurreição. Reencarnação. Karma. Escatologia. Espiritismo. Cristianismo.

1 INTRODUÇÃO

A morte se mantém como mistério da humanidade. As perguntas sobre o último deitam raízes na história do ser humano, em todos os tempos e lugares. Logo, as principais crenças de vida para além da morte têm no composto humano, entendido na sua totalidade-corpo e alma-, a base da sua reflexão.

Ressurreição e Reencarnação apresentam respostas às perguntas sobre a realidade última reservada ao ser humano e à criação. Vale ressaltar que, tanto Ressurreição quanto Reencarnação não se alicerçam em fatos cientificamente provados. São respostas de fé para pessoas que creem. Neste texto, apresentaremos, de forma concisa, os elementos principais que compõem estes dois conceitos.

^P Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Não temos a pretensão de esgotar ambos os temas. Apontaremos apenas os seus principais elementos, bem como o seu impacto para o cristão e para o seguidor do Espiritismo.

2 A RESSURREIÇÃO NO LIMIAR DA ESPERANÇA

Para a mulher e o homem bíblicos, a crença na ressurreição dos mortos era elemento presente no conjunto da fé. Entretanto, esta crença foi se delineando ao longo dos séculos, em virtude da forma que o povo compreendia a vida e a morte. A primeira, tratava-se de uma espécie de compêndio de todos os bens; enquanto a segunda – de maneira oposta – era a síntese de todos os males. Esta visão sobre a vida e a morte tinha o seu alicerce na própria experiência de Deus com o Povo. Terra, fecundidade e riquezas eram os principais componentes das Promessas de Deus a Abraão (Gn 12, 1-2).

Embora o Povo compreendesse a morte a partir de perspectiva mais negativa, eles não a viam como o fim. A vida dos que se foram estava presente, de alguma maneira nos que ficavam, ou seja, na sua descendência. No entanto, a realidade da morte era entendida como solidão existencial, como estado de espera, de silêncio. Logo, a morte – como realidade presente na existência humana – também se via submetida ao poder de Deus. O reino da morte, ou sheol, era lugar onde os mortos continuavam a sua existência de forma indiscriminada. Todos os mortos tinham, no sheol, a sua morada fixa.

Com o passar do tempo, esta visão acerca da realidade da morte e da situação indiferenciada dos mortos, é questionada. Tal questionamento brota da pergunta fundamental: se todos, bons e maus, recebem a mesma retribuição após a morte, onde fica a justiça de Deus? Vale lembrar que a Justiça de Deus era tema muito caro e central para o Povo de Israel. A vida dos justos e injustos tinha impacto direto em seus descendentes. A retribuição dada por Deus aos dois tinha caráter solidário. Dito de outra maneira: os que não recebiam em vida as recompensas (o justo) e os castigos (os injustos), seguramente as receberiam os seus descendentes.

Posteriormente, já no tempo dos profetas Jeremias (3, 31-34) e Ezequiel (18, 1-4; 21-24) a ideia de responsabilidade individual começa a fazer parte da consciência do Povo. Ou seja, retribuição e castigo eram recebidos ainda em vida. Contudo, esta ideia também não demorou muito para ser questionada, especialmente no livro de Jó, o justo que sofre. Alguns salmos (16, 49 e 73) também buscaram dar resposta à pergunta do sofrimento na vida dos justos. Para o Povo, era fato a convicção de que Deus não podia ser responsabilizado pelo mal. Neste sentido, já se veem esboçadas em textos proféticos como Oséias (6, 1-3), Ezequiel (37, 1-14) e Isaías (24, 27; 52, 13; 53, 10), a noção de ressurreição, enquanto poder de Deus sobre a realidade da morte.

Depois da experiência de Exílio vivida pelo Povo de Israel (séc. VII-VI aC), o judaísmo passa a ser religião do cumprimento da lei (Torá). A perseguição e o martírio provados por fidelidade à Torá, no período helenístico (séc. IV-II aC), faz com que Israel comece a pensar na pós-morte a partir da fé na ressurreição. Escritos contemporâneos a esta época o atestam claramente. É o caso dos livros de Daniel (12) e 2 Macabeus (7, 12). A problemática agora está vinculada à resposta sobre a sorte dos justos martirizados, bem como o anúncio da vitória de Deus sobre a realidade da morte. É aqui onde se insere, posteriormente, a reflexão sobre a morte e ressurreição de Jesus, evento central para o cristianismo (Para maior aprofundamento da temática, Politi, 1996, p.113-134).

3 A RESSURREIÇÃO DE JESUS E A NOSSA RESSURREIÇÃO

Para este momento, não nos interessa fazer estudo exaustivo sobre a fé na ressurreição de Jesus no decorrer da história cristã. Interessa-nos, sobretudo, perceber a centralidade, impacto e as consequências deste evento para cristão. Em seguida, como conclusão, veremos como é possível pensar a fé na ressurreição para a mulher e homem hodiernos.

É preciso ter claro desde o início. Pensar a ressurreição dos mortos em perspectiva cristã é fazê-lo tendo como base e fundamento a experiência de Jesus. Não há outro lugar sobre o qual se assenta a fé cristã na ressurreição. O que ocorreu na ressurreição com Jesus, revela a verdade sobre o que ocorrerá conosco na nossa (2).

Outro elemento que precisa estar claro aqui é o de que falamos da realidade da morte e ressurreição como algo que acontece com a pessoa, de forma global. Nas palavras de Ronald Blank:

A ideia de que o ser humano é um composto de dois princípios fundamentalmente opostos, chamados corpo e alma, é hoje uma concepção absolutamente superada, tanto do ponto de vista filosófico como a partir da antropologia contemporânea, e também na base de uma antropologia bíblica (BLANK, 1995, p. 121).

Tendo claros estes dois pressupostos acima, podemos falar sobre a realidade da ressurreição dos mortos a partir do que aconteceu à pessoa de Jesus.

Embora nos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), o tema da ressurreição aparece pouco na pregação de Jesus (Mc 12, 18-27 e par.), em João, a perspectiva da entrada para a vida ou para o Juízo é mais recorrente. Jesus é a Ressurreição e a Vida (11, 25); Ele dá a vida aos que acolhem a sua palavra (5, 25). No entanto, há, nos Evangelhos, relatos de alguns mortos que voltaram à vida, tais como o filho da viúva de Naim (Lc 7, 14-15); a filha de Jairo (8, 54-55) e Lázaro (Jo 11, 43-44) como mensagens catequéticas para explicitar que Cristo é fonte de vida. A ressurreição não deve ser compreendida como a reanimação de um cadáver (3). É a ação de Deus de forma nova e criativa, ultrapassando tempo e espaço, tal qual nós os entendemos.

O evento da ressurreição de Jesus narrado pelos discípulos, não pertencia mais ao âmbito da história e suas coordenadas. Era evento transcendente, escatológico. Por isso mesmo, Paulo tenta explicá-lo, ressaltando o caráter de novidade introduzida por Deus na história de Jesus (1Cor 15, 34-35). Na teologia paulina, também encontraremos a ideia da nossa participação na ressurreição de Jesus. No batismo, o cristão se associa ao Senhor, tornando-se partícipe de sua morte e ressurreição. Como Jesus, na morte, morremos como corpo psíquico e ressuscitamos como corpo glorioso (2 Cor 5, 1-5). Esta concepção escapa às armadilhas de compreensão fisicista do que ocorreu com Jesus na sua ressurreição e do que ocorrerá conosco, na nossa. Todavia, não significa “descarte” da história que construímos neste mundo. Nada disso. Como em Jesus, a ressurreição pressupõe e integra a nossa história, agora transformada e levada à plenitude pela ação de Deus.

Em síntese, podemos afirmar que o final dos tempos, de alguma forma, já aconteceu em Jesus. A partir do evento da sua ressurreição, não é correto falar de final dos tempos como algo que somente ocorrerá hoje ou amanhã ou daqui a milhões de anos. O final dos tempos é, na verdade - e em parte - o fim do tempo para aqueles que deixam esta realidade terrena e são acolhidos no coração do Pai, na realidade plena. Este é o hoje eterno de cada um de nós. Como ocorrido em Jesus, nossa existência entra, definitivamente, na existência de Deus, na dinâmica trinitária. Isto se deve ao fato de que, como afirma Paulo de forma exemplar, trazemos no corpo as marcas de Cristo (Gl 6, 17). Uma delas, atestada em nossa humanidade por Jesus, é a ressurreição. Esta última, entendida como dimensão nova e criativa da ação de Deus, que “implica a criatura humana em todas as suas dimensões e o mundo com todas as suas estruturas” (BLANK, 1993, p. 69).

4 A REENCARNAÇÃO: UMA NOVA OPORTUNIDADE?

A reencarnação é outra resposta à realidade última do ser humano. A crença na reencarnação também acompanha a humanidade desde os tempos mais antigos. Ela remonta às principais religiões do Oriente, como o Budismo, o Hinduísmo etc., atravessando os séculos e as culturas ocidentais, bem como as suas filosofias.

Esboçaremos, a partir deste ponto, as principais características da reencarnação. De forma muito particular, a presença desta doutrina no contexto brasileiro, a partir da perspectiva do Espiritismo de Allan Kardec (1804 – 1869) que, na segunda metade do século XIX, entra em contato com o cristianismo no Brasil. Não queremos abarcar todos os elementos acerca da doutrina da reencarnação, sejam eles sociológicos, religiosos, psicológicos ou teológicos. Em breve percurso histórico, veremos como a crença na reencarnação se apresenta e impacta os (as) seguidores (as) do Espiritismo, em nível nacional.

No tocante ao tema da reencarnação, os termos mais utilizados nos diversos contextos onde esta doutrina teve origem são: sansara, palingenese, metempsicose e metensomatose. Estes conceitos se relacionam respectivamente a nascimentos e mortes, renascimentos e transmigrações. O sansara, ciclo de mortes e renascimentos,

está mais presente no contexto das culturas budista e hinduísta; enquanto os demais termos têm raízes na cultura helenista. Todas estas noções atentam para uma realidade processual na qual a pessoa humana vai, gradativamente, buscando a sua realização, aperfeiçoamento e, com ela, a salvação. As pessoas passam por diferentes existências até atingir a plenitude. Aqui aparece a *doutrina do karma*.

A doutrina do karma na tradição hinduísta afirma que a pessoa se torna aquilo que realiza. Em outras palavras: se as ações realizadas são boas, a pessoa se torna boa; caso as ações sejam más, a pessoa se torna má. Tais ações – boas ou más – deixam suas marcas na existência humana. Assim, de forma retributiva, o destino da pessoa está determinado por aquilo de mau ou bom que realizou. O ato é, em última instância, a pessoa. Neste processo pessoal, não são possíveis intervenções alheias. Cada um padece segundo os atos que realizou em sua vida precedente. Embora seja possível se compadecer dos que sofrem, é impossível salvá-los de seu karma. Exatamente por isto, a pessoa não pode alcançar a sua realidade última apenas em uma única existência. Nas Palavras de Politi: *“Há aqui, assim como no Oriente, uma resposta ao problema da retribuição das obras boas ou más. As ações realizadas em uma vida determinam a maior ou menor sorte na seguinte”* (POLITI, 1996, p. 77).

No que se refere ao karma na doutrina budista, esta afirma que os renascimentos pelos quais passa a pessoa também têm relação direta com os atos realizados por ela durante a sua existência. Logo, os atos carregam em si a carga de responsabilidade de cada um. O bem é o que nos aproxima do nirvana (a extinção de todo o desejo que aprisiona), enquanto o mal nos afasta dele. Note-se que se refere a uma atitude mais passiva do que ativa. Diz mais respeito ao esforço de se evitar o mal do que o de se praticar o bem. Embora indispensável, a conduta moral – no budismo – não é o bastante para a chegada ao nirvana. A grande responsável por transformação profunda na vida da pessoa é a disciplina mental, que produz a verdadeira mudança interior. Entretanto, para se atingir a iluminação, faz-se necessário passar por processo que exige várias vidas, no qual a pessoa consegue se livrar do ciclo de nascimentos ou reencarnações, entendidos como castigo. É, em definitiva, processo fundado e alicerçado na pura experiência humana. A doutrina da reencarnação foi ganhando

novos elementos à medida que entrava no Ocidente. Aqui damos mais um passo para entender como esta doutrina é acolhida e pensada no contexto helenista.

No Ocidente, são dos seguidores do orfismo e pitagorismo (séc. VI aC) os primeiros testemunhos sobre a crença na reencarnação. Este foi solo fecundo para o desenvolvimento da ideia de imortalidade da alma. É em Platão (séc IV aC) que a ideia dualista de corpo e alma alcançará o seu ápice. Ambos, corpo e alma, ganham, em Platão, estatutos individuais. Não é o caso encontrar a gênese desta ideia nem como ela se desenvolveu no pensamento platônico. Basta reconhecer que ela teve enorme influência no desenvolvimento dos pensamentos filosófico, antropológico e teológico ocidentais. Também a noção de reencarnação para o Espiritismo de Allan Kardec sofreu a influência da visão platônica.

No Brasil, na segunda metade do século XIX, o Espiritismo de Allan Kardec encontra seus primeiros discípulos no meio dos intelectuais da classe média, ganhando características bem locais. Entre estas, encontram-se: nova interpretação do pensamento de Allan Kardec, que articulava elementos religiosos, filosóficos e científicos; o deslocamento das respostas de caráter mais metafísico para outro mais assistencial (hospitais, centros de saúde etc.); o acento na dimensão comunitária, em detrimento a algo mais individualista. Assim, as atividades do espiritismo no Brasil estão mais concentradas nos âmbitos da medicina e da educação. Cuidar dos doentes e educar as pessoas formam o epicentro da prática espírita no Brasil.

A doutrina da reencarnação é central para o Espiritismo Kardecista. Como na perspectiva hinduísta, Allan Kardec afirma que é impossível que, com apenas uma existência, a pessoa consiga atingir a perfeição. A reencarnação é entendida, aqui, como processo de aperfeiçoamento gradativo. Ou seja, não há lugar para a ideia de regressão. Os espíritos evoluem irremediavelmente. Logo, podem ocorrer inúmeras reencarnações até que o espírito atinja, de fato, o estado de perfeição. O que somos no presente é diretamente proporcional ao que fomos no passado. Os nossos atos têm caráter meritório e impactam diretamente o nosso trajeto até Deus. Contudo, todos somos iguais no início e seremos iguais no final. O nosso caminho na terra será marcado por nossas opções, trabalhos e vontade.

A lei do karma, no Espiritismo atual, é entendida de forma mais positiva. A reencarnação seria um processo de purificação, evolução e aprendizagem. Aqui aparece a diferença radical entre a doutrina da reencarnação do Hinduísmo e Budismo para a doutrina da reencarnação ocidental. Para o Hinduísmo e o Budismo, as sucessivas mortes e renascimentos têm como objetivo libertar o ser humano de si mesmo e de sua vinculação ao mundo, renunciando sua busca de perfeição, identidade, sentido e felicidade. Enquanto a doutrina da reencarnação ocidental propõe um caminho de salvação, Hinduísmo e Budismo concebem as sucessivas mortes e renascimentos como uma situação penosa para o ser humano debaixo da lei do Karma. Para o espiritismo de Allan Kardec este processo, auxilia a pessoa no seu progresso espiritual e purifica o próprio karma. Contudo, diferente da concepção oriental, no Espiritismo a alma não se dilui no Grande Todo do qual foi emanada. Sua individualidade esta resguardada mesmo depois da morte. Desta maneira, não é possível nenhum tipo de involução no processo reencarnacionista. Ou seja, a alma jamais se encarnará em existência inferior àquela que havia se encarnado anteriormente. Embora todos partimos de estado original de ignorância, vamos caminhando para realidade final de desenvolvimento, onde já não haverá mais necessidade de se reencarnar.

A doutrina do renascimento ou reencarnação é atraente porque promete ao ser humano alcançar o sentido da vida, através de várias possibilidades novas e aperfeiçoamento constante. Em contato hoje com o movimento ecológico e com o enfraquecimento do discurso escatológico cristão, muitos tomam o ciclo da natureza de morte e renascimento como fortalecimento desta concepção. A mãe terra, energias cósmicas, os ritmos da vida e a regeneração constante da natureza são vistos como formas de compreender o presente e o futuro do ser humano.

Além disso, a doutrina da reencarnação oferece uma explicação racional aparentemente convincente para tudo o que acontece no mundo. O mal remete às ações humanas em existências terrenas passadas provocando consequências. Trata-se da lei da causa e do efeito. A liberdade é a causadora do prejuízo. Enfatiza-se a responsabilidade humana e supera-se a ideia de destino. O que acontece não é uma fatalidade simplesmente. Deus, nesta concepção, é Aquele que mantém a Lei do

Karma em vista do aperfeiçoamento humano. Isto leva muitas pessoas a superar a dramaticidade da vida e da morte e desejar nova chance através dos renascimentos (5).

5 CONFRONTANDO AS CONCEPÇÕES CRISTÃS E A REENCARNAÇÃO

A doutrina da reencarnação tem o dado positivo de atribuir ao ser humano a responsabilidade por sua vida e por suas ações. Neste sentido, a ética ganha destaque. No entanto, há contextos maiores que a responsabilidade individual. Homens e mulheres se encontram diante de uma realidade sócio-político-econômico-cultural que condicionam a liberdade individual e produzem males que não são de responsabilidade meramente pessoal. O fato de na vida muita coisa ter sentido e poder ser explicada, não significa que não haja espaço para o absurdo, o sem sentido e para o acaso.

A concepção de um Deus que respeita a Lei do Karma como explicação para o mal no mundo e como motivação para o aperfeiçoamento humano soa como solução fria e cínica. Como atribuir à culpa de uma pessoa em sua vida anterior diante das atrocidades na história? Cada judeu morto no campo de concentração, cada mãe e filho mortos nas guerras de limpezas étnicas, cada mártir da justiça, estariam sofrendo consequências de suas más ações passadas? A concepção reencarnacionista além de não fazer justiça às vítimas pode conduzir à apatia social e à alienação. A concepção cristã fala do pecado pessoal, estrutural e tantas outras causas geradores de sofrimento. O Cristo crucificado não estava sofrendo por causa de sua má conduta em vidas passadas, mas abraçando as consequências de se identificar com os pobres e sofredores e ter buscado, com ações concretas, um mundo melhor.

A crença na reencarnação casa-se bem com a concepção moderna do progresso. Por um lado, o leque de possibilidades para testar novas experiências e projetos de vida diferentes e sempre novos, sem se fixar em um único caminho faz da modernidade algo fascinante. Por outro, o indivíduo sente suas limitações em gozar e esgotar tantas possibilidades na vida. Ele precisa decidir-se por uns e abandonar outros projetos sem saber se sua escolha foi acertada. A doutrina da reencarnação apresenta uma oferta atraente. A chance perdida nesta vida, o projeto equivocados, o desejo de

experimentar outras possibilidades pode ser retomado em outras existências. Diferente da proposta cristã, o ser humano não é levado a ver a seriedade de suas opções e a necessidade de se entregar em suas escolhas em um projeto de vida, um relacionamento assumido, uma profissão.

A reencarnação destrói a identidade humana. De que adianta novos renascimentos sem a consciência de como foram as vidas passadas? Pode-se responder dizendo que o fenômeno do **dejà vu** (algo visto anteriormente), a terapia de vidas passadas, lembranças de lugares remotos e pessoas nunca vistas antes atestam a possibilidade de se conectar com outras existências. No entanto, estes fenômenos podem ser explicados pela ciência como relembrações, recordações, fantasias, dados obtidos pela memória genética ou percepções extra-sensoriais.

Acrescente-se a divisão do ser humano em duas realidades inconciliáveis: o corpo e a alma. A concepção de espíritos desencarnados e a série de mortes e novos nascimentos levanta perguntas. Não tem valor minha biografia pessoal, minha vida corporal-histórica, as relações construídas, amizades, sonhos e meu empenho neste mundo? Tudo pode ser simplesmente desfeito, tentado novamente e recuperado? A teologia usando metáforas fala da ressurreição dos mortos, tendo como base as Sagradas Escrituras, do seguinte modo:

“O corpo ressuscitado tem outras dimensões, dimensões novas que ultrapassam as características da matéria que nós conhecemos. Mas...este corpo ressuscitado mantém de fato dimensões materiais. Não é um corpo espiritual, mas sim material. Nele se conserva a história deste homem, sua dor e suas alegrias, seus anseios e os traços que ele deixou no mundo. Numa palavra, toda a história corporal e concreta deste homem. História, afinal, vivida sempre através do seu corpo e dentro das dimensões desse seu corpo” (BLANK, 1995, p.125).

A fé cristã concebe a identidade como construída ao longo da vida, fruto de decisões, ações, relações e interações dentro dos diversos contextos: familiar, comunitário, social etc. O corpo humano, ainda que depreciado pelo Cristianismo ao ser influenciado pela filosofia platônica, na Bíblia é valorizado como órgão de relação com o mundo, com as outras pessoas, com a natureza e com a cultura. Com o corpo vivemos, amamos, oramos e sofremos. Isto possibilita a construção de minha identidade pessoal. A Palavra de Deus ao falar da ressurreição do corpo ou ressurreição da carne entende

corpo/carne como pessoa, um nó de relações, o eu histórico em vista da plenitude doada por Deus (6).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminamos por onde começamos. Ressurreição e reencarnação são duas respostas distintas à realidade última do ser humano. Como respostas de fé, ambas exigem decisão e engajamento vital. São realidades escatológicas que possuem diferentes pressupostos e não são uníssonas no que se refere aos resultados. Por isso mesmo, atentam para realidades diferentes e não são complementares. Não há como abraçar a fé cristã e crer na reencarnação ao mesmo tempo. Além de serem concepções diferentes, são excludentes. As principais diferenças e aproximações entre a crença na ressurreição e na reencarnação se apresentam em três diferentes dimensões: antropológica, histórica e teológica.

Dimensão antropológica: na ressurreição, o ser humano é transformado como um todo (corpo e alma). Ressurreição, não significa a separação da alma com relação ao corpo, mas a libertação de tudo o que constitui a pessoa de forma integral, na sua unidade irreduzível de corpo e espírito. No que diz respeito à reencarnação, o espírito abandona aquele corpo para voltar numa outra existência, continuando assim o seu processo evolutivo.

Dimensão histórica: Na perspectiva cristã, a salvação supõe a história e nela se desenvolve e manifesta. Tanto a história do mundo quanto as histórias individuais são o lugar da auto-revelação salvadora de Deus. É na história que Deus tem o seu lugar de ação. Sendo assim, a ressurreição de Jesus alimenta a nossa esperança e nos dá razões para seguir confiando no amor e na compaixão de Deus por sua criação. Na ressurreição, o Pai de Jesus não só contempla, mas completa e leva a nossa história à plenitude. Na perspectiva espírita, a história também tem o seu peso de importância, na medida em que é o lugar onde fazemos nossas escolhas fundamentais e realizamos os nossos atos - bons ou ruins - que serão contabilizados no processo de purificação do karma. Em poucas palavras: a história é lugar de prova e purificação; de aprendizagem e progresso.

Dimensão teológica: nossa ressurreição só pode ser entendida a partir da ressurreição de Jesus. Ela é iniciativa e dom de Deus. Como o Pai ressuscitou Jesus dos mortos, Ele o fará conosco, no momento da nossa morte. A ressurreição é a última palavra de Deus para a criação. Em Jesus, esta última palavra se fez fato, realidade, acolhida. Com a ressurreição, o Pai confirma o projeto que tinha para a humanidade, apresentado por Jesus. Na experiência da ressurreição de Jesus, nossa existência entra, definitivamente, na realidade de Deus, no coração da dinâmica trinitária. Este fato tem impacto direto sobre a maneira como vivemos – e morremos – neste mundo. Uma vez ressuscitados, não voltamos a morrer. Nosso corpo ressuscitado não se submete mais às coordenadas de tempo e espaço, como outros eventos históricos.

O processo salvífico de Deus alcança todo o cosmos, tudo o que pertence à sua criação. Em Deus, o ser humano encontra o seu destino último e a sua realização. Não se trata de esforço pessoal ou algo meritório, mas graça. No tocante à crença na reencarnação, os espíritos, criados imperfeitos e ignorantes, têm no processo evolutivo, distintas graduações, quais sejam, puros, imperfeitos e atrasados. Neste caso, somente os primeiros podem contemplar a Deus, enquanto os demais estão como que cegos à Sua presença e devem continuar o seu processo de purificação. As faculdades perceptivas do espírito são proporcionais a este estado de purificação. A reencarnação entra, assim, como nova possibilidade para que o espírito repare os erros de suas existências anteriores e evolua à perfeição.

Alguém é cristão quando participa da fé da comunidade e acolhe a Palavra de Deus em sua vida. Jesus, no calvário, dirige uma palavra de esperança para um dos crucificados arrependido: Hoje estarás comigo no paraíso. A bondade de Deus não exige perfeição e não submete ninguém a contabilidade de seus atos com prêmios e castigos. Oferece Sua Graça Salvadora a quem deseja acolher Seu perdão. Na Bíblia não existe nenhuma palavra afirmando que o destino humano é uma série de mortes e renascimentos.

Tudo o que existe é criado, finito e não divino. Não posso por mim mesmo, ainda que passasse por diversos nascimentos chegar à perfeição. Nossa alma não é imortal “por natureza”. A imortalidade da alma é dada por Deus, constitui-se um dom. Ela se torna imortal porque Deus, ao nos chamar à existência, nos acolhe com um amor

totalmente gratuito e incondicional. Ele jamais nos abandona. Ainda que muita coisa permaneça inacabada e imperfeita em minha vida, se estou aberto à Sua Graça, Deus completará.

Terminamos esta reflexão com um provérbio chinês que afirma se permanecemos no caminho e seguimos avançando, sem dúvida chegaremos aonde vamos. O provérbio é claro. É preciso optar e permanecer no caminho para se chegar aonde se quer. Diante das respostas que se nos apresentam acerca do destino final do ser humano, é preciso optar. Neste caso, a opção pela crença na ressurreição ou na reencarnação continuará sendo sempre uma decisão de fé. Portanto, pessoal e intransferível.

RESURRECTION AND REINCARNATION: A WORD BEYOND DEATH

This article presents two different conceptions as a response to human death. On the one hand, the Christian proposal, based on the Tradition of the Old Testament and on the experience of the disciples with the resurrection of Christ, and on the other hand, the reincarnationist proposal, heir to Eastern traditions of Hinduism, Buddhism, Greek philosophical currents worked and perfected by Allan Kardec and his followers. As a decision of faith, each conception offers not only a differentiated response but also practical consequences for the believer's life.

Keywords: Resurrection. Reincarnation. Karma. Eschatology. Spiritism and Christianity.

REFERÊNCIAS

BLANK, Renold J. **Reencarnação ou ressurreição**: uma decisão de fé. São Paulo: Paulus, 1995.

HARING, H. et al. **Reencarnação ou Ressurreição?**. Petrópolis: Vozes, 1970.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**: Noções elementares do Mundo Invisível pelas Manifestações dos Espíritos. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

KEHL, Medard. **O que vem depois do fim?**. São Paulo: Loyola, 1997.

KUNG, Hans. **¿Vida Eterna?** Respuesta al gran interrogante de la vida humana. Madrid: Cristiandad, 1983.